

**Título do trabalho**  
O rural no Vale do Rio dos  
Sinos: desaparecimento ou permanência?

**Nome dos autores:**

**Gisele Spricigo**

Economista (UNISINOS), mestranda em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS).  
Analista de planejamento econômico da Agência de Integração e Desenvolvimento  
(AID-UNISINOS).

Av. João Pessoa, 31, cep 90040-000, Porto Alegre-RS.  
giselespricigo@hotmail.com

**Eduardo Ernesto Filippi**

Economista (UFRGS), mestre em Economia Rural (UFRGS), doutor em Economia  
Política pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (França). Professor do  
Departamento de Economia e dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento  
Rural e em Economia do Desenvolvimento (UFRGS).

Av. João Pessoa, 31, cep 90040-000, Porto Alegre-RS.  
edu\_292000@yahoo.com.br

**Área temática**

Localização e distribuição regional do desenvolvimento

**O rural no Vale do Rio dos Sinos: desaparecimento ou  
permanência?**

**Resumo**

O crescimento das grandes metrópoles faz com que a expansão das áreas urbanas e a  
concentração da população sejam motivos para a diminuição da importância do rural.

Assim, o que deve se pensar a respeito dos espaços rurais remanescentes? Essa é uma das questões que nortearão o presente trabalho, que tem como objetivo apresentar um “diagnóstico” preliminar sobre o meio rural do Vale do Rio dos Sinos (VS), Rio Grande do Sul. Fruto de leituras e debates realizados no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), este trabalho pretende, assim, problematizar a complexa relação urbano-rural existente na região acima referida.

### **Palavras chaves**

Desenvolvimento rural – relação urbano-rural

### **Área temática**

Localização e distribuição regional do desenvolvimento

## Introdução

Em um mundo em que as grandes metrópoles crescem cada vez mais, expandindo áreas urbanas e concentrando nestas, grande parte da população, o que deve se pensar a respeito dos espaços rurais remanescentes? O que pensar das atividades rurais, tais como a plantação de frutas e hortaliças, cuja permanência se dá tanto para auto-consumo como para comercialização na grande metrópole? Essas são algumas das questões que nortearão o presente trabalho, que tem como objetivo apresentar um “diagnóstico” preliminar sobre o meio rural do Vale do Rio dos Sinos (VS). Fruto de leituras e debates realizados no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), este trabalho pretende, assim, problematizar a complexa relação urbano-rural existente na região acima referida.

Dessa forma, a execução deste trabalho pautou-se na análise de dados secundários de ordem sócio-econômica sobre a região do Vale do Rio dos Sinos, principalmente no que se relaciona aos aspectos do meio rural.

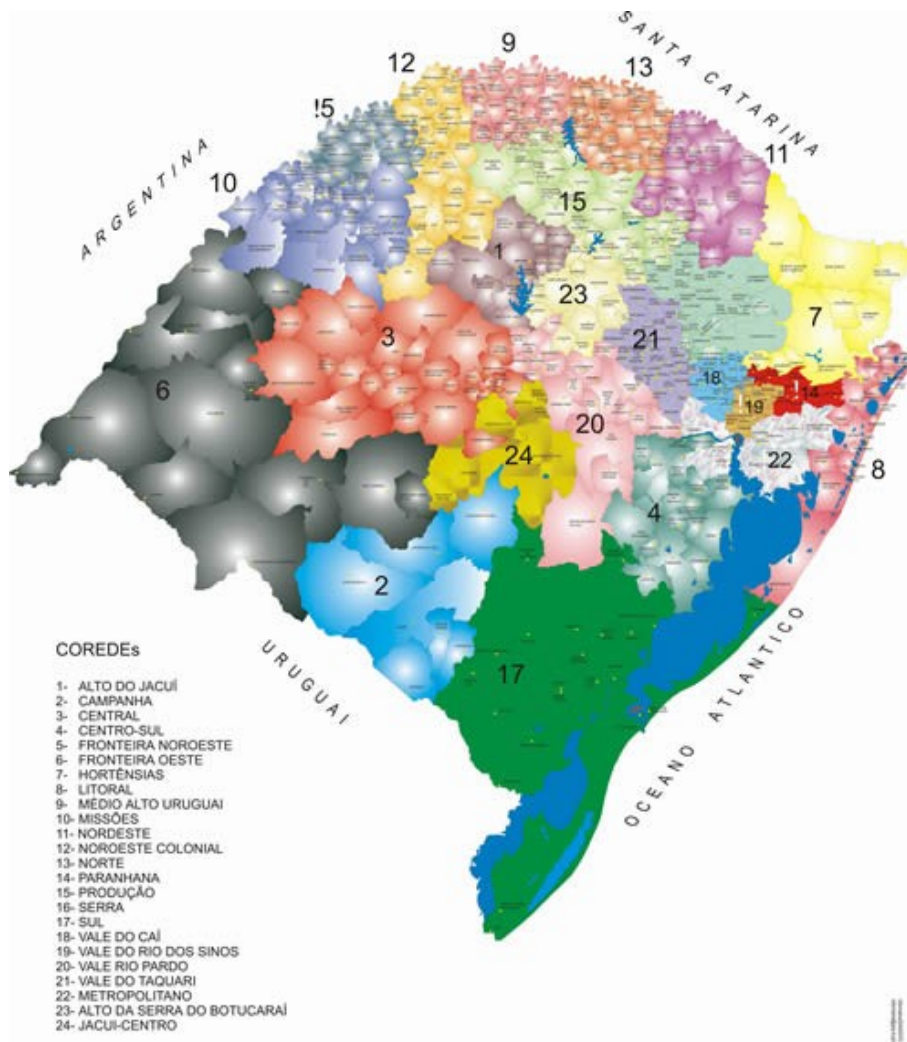
O Vale do Rio dos Sinos está situado no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, conforme figura 01. É uma região conhecida como berço da imigração alemã no Brasil e como pólo coureiro-calçadista. Possui uma área (2004) de 1.385,2 mil quilômetros quadrados e uma população de 1.289.016 habitantes, distribuída em quatorze municípios<sup>1</sup>. Analisando-se os dados de 2000, a população dos municípios soma 1.194.234 habitantes, compreendendo 11,72 % da população do Estado do Rio Grande do Sul. Em relação população rural do Estado do RS, 1,37 % pertence aos municípios do CONSINOS. Em relação à população urbana, 14,04 % da população do Estado RS está nos municípios do CONSINOS. Ainda sobre dados do ano 2000, em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), o CONSINOS representa 16,23 % do Estado RS. Em relação ao PIB Agropecuário, essa relação fica em 1,96 %. Mais

---

<sup>1</sup> A região do Vale do Rio dos Sinos apresenta mais de uma divisão político-administrativa a serem consideradas antes da escolha dos municípios para este projeto. Temos assim: o Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio dos Sinos (CONSINOS) – 14 municípios; a Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (AMVRS) – 20 municípios; e a Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos (COMITESINOS) – 32 municípios. Dessa forma, para análise dos dados secundários, convencionou-se analisar os dados dos municípios pertencentes ao CONSINOS. O principal motivo a que se deve essa escolha reside no fato desta divisão incluir tanto municípios pequenos (menos de 20.000 habitantes), quanto municípios de maior porte (mais de 200.000). De ambos os tamanhos, os municípios possuem tanto população rural quanto população urbana. Dessa forma, serão analisados os seguintes municípios:

especificamente aos municípios do CONSINOS, pode-se perceber uma pequena participação da agropecuária na economia da região. Apenas 1,68 % do PIB dos municípios correspondem ao PIB agropecuário (Ipeadata).

Figura 01 – Mapa dos COREDES<sup>2</sup>



Fonte: Governo do Estado RS

Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul.

<sup>2</sup> Os municípios do estado do Rio Grande do Sul estão divididos em 24 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDE). Os COREDES tem por missão: “ser espaço plural e aberto de construção de parcerias sociais e econômicas, em nível regional, através da articulação política dos interesses locais e setoriais em torno de estratégias próprias e específicas de desenvolvimento para as regiões do Rio Grande do Sul.” Maiores informações sobre o marco legal, a visão e os objetivos dos COREDES consultar em <http://www.ppp.rs.gov.br/gvg/jsp/coredes/coredes.jsp> (acesso em 15 de out 2005).

Sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>3</sup> dos municípios do CONSINOS, três municípios (Araricá, Nova Hartz e Nova Santa Rita) apresentam-se com médio desenvolvimento humano. Os demais municípios apresentam-se com alto desenvolvimento humano.

Esses dados preliminares tendem a revelar um desaparecimento do rural na região. Também, não apresenta a agropecuária como atividade econômica principal na região. Destaca-se uma região urbana. Entretanto, o meio rural e atividades relacionadas não se extinguíram completamente. Sobre esse aspecto, o presente trabalho levantará questionamentos sobre o rural do Vale do Rio dos Sinos, no sentido se contribuir com o debate sobre a economia gaúcha e o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul.

### **A busca por um referencial teórico: o rural em áreas urbanas e industriais**

A observação da realidade nos leva a confrontar mais de uma contribuição para o entendimento da dinâmica rural em áreas urbanas e industriais. Isso ocorre por que toda uma construção desse pensamento exige uma compreensão da formação dos grandes espaços urbanos e as razões para as grandes concentrações populacionais nestes espaços. No campo da economia, poderíamos considerar as contribuições de Douglass C. North sobre economia regional e as implicações de um desenvolvimento no modelo exportador. Já do ponto de vista da geografia, poderíamos considerar as idéias de Von Thünen e suas relações com a agricultura.

Num contexto mais amplo que o próprio Vale do Rio dos Sinos, nos chama a atenção é uma trabalho de Douglass C. North datado de 1955, intitulado *Location Theory and Regional Economic Growth*. Neste trabalho apontam-se os cinco estágios da teoria da localização e da teoria do crescimento econômico regional que explicam o desenvolvimento de determinada região. São eles: 1) economia de subsistência, com poucos investimentos e comércio; 2) início de pequenas empresas especializadas; 3) a

---

<sup>3</sup> O IDH vem sendo calculado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) desde 1990. O índice se situa entre valores de zero a um. Quanto mais próximo de um, indica melhores níveis de desenvolvimento humano. Dessa forma, os países se situam em três categorias: a) quando o IDH for menor do que 0,500, são considerados países com baixo desenvolvimento humano; b) quando o IDH se situar entre os valores de 0,500 e 0,800, significa que os países possuem médio desenvolvimento humano;

agricultura existente passaria de subsistência para uma produção de grãos maior; 4) converge-se para a industrialização total; e por fim, 5) produção industrial voltada à exportação. O que North nos indica é que esses estágios não são verificados em muitas regiões da América e assim, a dificuldade em se traçar o desenvolvimento pela industrialização parece falho. Uma das primeiras explicações para isso se concentra no fato de não se construir na América uma estrutura econômica e social como se faz em vilarejos da Europa, com vistas a se garantir a subsistência. Sobre as exportações que são o “pano e fundo” para o crescimento de uma região, deve-se ainda considerar fatores locais. Por outro lado, o trabalho enfatiza sobre o “poder” que um mercado exportador sobre a urbanização, a força de trabalho, definições políticas e sociais de uma região e a sua sensibilidade para flutuações de emprego e renda. Ademais, North vai mais longe ao afirmar que o aumento da demanda de regiões exportadoras acaba gerando investimentos não somente na indústria exportadora, mas também em outras áreas da atividade econômica. Isso significaria, inclusive, a ascensão de outros tipos de atividades. Como resultado, a base exportadora da região tende a se diversificar, e tende-se a perder a identidade enquanto região.

Interessante notar da contribuição de Douglass C. North a influência dos fatores locais e um entendimento amplo sobre os destinos de regiões exportadoras. Esse destino converge muito mais para uma não especialização da região. Isso poderia ser relacionado com o Vale do Rio dos Sinos, que mesmo com toda identificação que se atribuí ao setor coureiro-calçadista, o desenvolvimento de outras atividades, relacionadas direta ou indiretamente ao setor, se desenvolveram, gerando emprego e renda para a região, como nas palavras de North.

Partindo-se agora para as contribuições Von Thünen, extraídas de Block & Dupuis (2001), no texto intitulado “*Making the Country Work for the City: Von Thünen Ideas in Geography, Agricultural Economics and the Sociology of Agriculture*”. O texto é analisado em três diferentes disciplinas, sendo a contribuição mais relevante de Von Thünen encontra-se na geografia. Interessante notar que Von Thünen, e o seu “modelo de anel”, *ring model*, coloca na distância do mercado o crescimento de determinado produtor, como um fator determinante.

Distance determined land value and transportation costs and therefore the margin of profit from a particular enterprise needed to be sufficient to pay these costs. As a result, agricultural production organized itself as “rings” of

---

c) com IDH superior a 0,800, significa que os países possuem alto desenvolvimento humano. Maiores informações: [www.undp.org](http://www.undp.org).

lowering production intensity around central cities.<sup>4</sup> (Block & Dupuis, 2001, p. 80)

Do ponto de vista de Von Thünen e utilizando-se do exemplo do leite nos Estados Unidos da América, pode-se fazer entender melhor a contribuição do autor. O fato é que o leite na maioria das cidades americanas é vendido diariamente fresco na vizinhança. Segundo Von Thünen, o leite, por ser perecível e incorrer em consideráveis custos de transporte e armazenamento, deveria ser produzido no “primeiro anel” ao redor da cidade. Nesse sentido, os autores trazem à tona as contribuições de Von Thünen e o seu significativo efeito sobre as políticas mercadológicas (políticas de marketing) das empresas de laticínios nos E.U.A.. As idéias de Von Thünen tornaram-se popular dentro da geografia e foram utilizadas na economia agrícola por que elas atendem pontos específicos de cada disciplina em particular.

Geography was searching for locational models. Agricultural economics needed to find an “ideal” upon which to base milk marketing policy. The use of Von Thünen within these disciplines is a fine example of how a theory can be discovered, used, become part of the accepted knowledge of discipline, and sometimes greatly affect public policy.<sup>5</sup> (Block & Dupuis, 2001, p. 95)

A utilização da categoria expressa por Von Thünen nos traz ao pensamento o Vale do Rio dos Sinos e algumas perspectivas de políticas de desenvolvimento rural, por conta da agricultura perene na região significar um “primeiro anel” ao redor das grandes cidades. Desse anel, surgem vários produtos alimentícios que são revendidos nos bairros centro das cidades em feira dos produtores rurais. A pergunta que fica aqui do tocante da contribuição de Von Thünen: as atividades ligadas ao rural permanecem na região porque existe um forte mercado consumidor no entorno?

Tanto no campo econômico como no campo da geografia aqui apresentados, a cidade acaba por designar outras funções ao rural que não somente o de produção agrícola.

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Distância determina o valor da terra e os custos de transporte e conseqüentemente a margem de lucro suficiente necessária para pagar esses custos de uma empresa particular. Em conseqüência, a produção da agricultura organizou-se como "anéis" de diminuição da intensidade da produção em torno das cidades centrais.

<sup>5</sup> Tradução livre: A geografia estava procurando por modelos locacional. A economia agrícola necessitava encontrar um "ideal" para basear a política de marketing do leite. O uso de Von Thünen dentro destas disciplinas é um exemplo de como uma teoria pode ser descoberta, usada, tornando-se parte do conhecimento já reconhecimento da disciplina, e às vezes afeta extremamente a política pública.

No entanto, o processo de industrialização do Brasil em geral, e não diferente no Rio do Grande e no Vale do Rio dos Sinos, com maior ênfase a partir da década de 1930, gerou, conjuntamente com a mecanização da agricultura, um grande êxodo rural. Esse fenômeno acaba por transferir maior da população do campo para a cidade. Assim, é fruto de um crescimento urbano e um de processo de industrialização.

Por outro lado, conforme apontado por vários exemplos internacionais, a dicotomia do rural e do urbano cada vez mais não se aplica nos grandes centros urbanos. Madaleno & Gurovich (2004) trazem à tona inúmeros exemplos de Santiago do Chile de pessoas que mantêm seus laços com as áreas verdes das grandes metrópoles. Isso se dá por vários motivos, tanto para uma pequena fazenda, como para o lazer. Outro motivo relevante encontra-se na oportunidade de se ter produtos frescos e saudáveis, além de oportunizarem-se novos empreendimentos e negócios, dependendo da comercialização. Os autores utilizaram como análise grandes anéis no entorno da “Grande Santiago”.

Podemos trazer também trazer como exemplo o caso de Montpellier na França, conforme texto de Valette (2004), que adentra-se na questão dos territórios rurais periurbanos. Esses territórios “se encontram em situação de territórios periféricos e posicionam-se não apenas à margem das dinâmicas urbanas, mas também em dependência em relação à essas, sobretudo no que tange a transporte e recursos” (Valette, 2004, p. 9). O texto trabalha ainda com outras questões, tais como a mobilidade como fator importante para o estabelecimento de uma atividade local. Outra questão envolve as inovações organizacionais, que no caso de Montpellier, visa-se inicialmente a perenização e estabilidades das atividades, bem como o seu desenvolvimento.

As inovações concernem, portanto, o estabelecimento e a sistematização de processos, cujos objetivos são, por um lado, a normalização do produto ou do serviço oferecido, e a garantia de sua reprodução normalizada: por um lado, o objetivo é a melhoria da qualidade, mas em um contexto alternativo ao produtivismo. (Valette, 2004, p. 13)

Dessas linhas gerais, buscou-se um preâmbulo da discussão de um referencial teórico pertinente às questões relativas ao rural de espaços urbanos. Verificou-se assim que exemplos internacionais podem ser trazidos para uma discussão mais abrangente. No Brasil, um outro trabalho sobre a Região Metropolitana de Curitiba vem sendo desenvolvido dentro do Programa de Doutorado em Meio Ambiente e



Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná (UFPR), conforme indicado por Souza *et alii* (2004). Dentro de contexto, se buscam na próxima seção alguns dados que façam um retrato da heterogeneidade que se evidencia em aspectos econômicos e sociais da existência do rural no Vale do Rio dos Sinos, mesmo mostrando-se “invisível” diante dos fenômenos urbanos.

## As diferentes definições de rural e o VS

Antes de se adentrar no reconhecimento da região, se faz necessário entender o que é o rural e como o rural se manifesta em regiões como a do VS. Trata-se, em nosso caso, de utilizar a divisão municipal para se realizar uma análise do meio rural. Sobre esse aspecto, conhecer como estão classificados os municípios em diferentes normativas é essencial.

Nesse sentido, VEIGA nos apresenta a classificação utilizada pela OCDE (OCDE apud VEIGA, 2001). Ao nível local, consideram-se comunidades rurais todas aquelas com densidade populacional inferior a 150 habitantes por quilômetro quadrado. A partir da análise dos dados do Censo Demográfico 2000 apud Ipeadata, pode-se extrair a tabela abaixo.

Tabela 01 – População (habitante), área (km<sup>2</sup>), habitantes por km<sup>2</sup>

<b>Municípios</b>	<b>População (hab.)</b>	<b>Área (km2)</b>	<b>Densidade (hab./km2)</b>
Araricá	4.032	37,40	108
Campo Bom	54.018	59,80	903
Canoas	306.093	131,00	2337
Dois Irmãos	22.435	72,90	308
Estância Velha	35.132	51,50	682
Esteio	80.048	27,60	2900
Ivoti	15.318	65,00	236
Nova Hartz	15.071	57,80	261
Nova Santa Rita	15.750	217,90	72
Novo Hamburgo	236.193	215,80	1094
Portão	24.657	158,50	156
São Leopoldo	193.547	106,90	1811
Sapiranga	69.189	133,30	519
Sapucaia do Sul	122.751	58,00	2116
<b>Total</b>	<b>1.194.234</b>	<b>1.393,40</b>	

Fonte: Censo Demográfico 2000 apud Ipeadata. Hab./km<sup>2</sup> calculado pelos autores.

Partindo-se da classificação da OCDE, dois municípios seriam considerados rurais: Araricá e Nova Santa Rita. Juntos, esses municípios representam 18,32% da área total da região e apenas 1,65% da população total da região.

Uma outra tipologia adotada é a “rurbano”, apontada por VEIGA (2001). São os municípios que tem tanto populações entre 50 e 100 mil habitantes, quanto os que tem menos de 50 mil, mas densidades superiores a 80 hab./km<sup>2</sup>. Conforme nos ensina essa tipologia, enquadram-se aqui: Araricá, Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Portão e Sapiranga.

Avançando-se agora para uma análise das categorias esvaentes, letárgicos e atraentes para municípios, pode se observar a tabela 02. Segundo VEIGA (2001), os municípios esvaentes são aqueles que tiveram fortes quedas populacionais (e muitas vezes absolutas). Os municípios letárgicos tiveram perdas relativas, mas cresceram em termos absolutos em compassos não muito distantes ao de seus respectivos Estados. Por fim, os municípios atraentes tiveram crescimentos superiores aos de seus Estados.

Tabela 02 – Crescimento Populacional 1991-2000

Municípios	1991	2000	Cresc. Populacional (%)
Araricá		4.032	
Campo Bom	47.876	54.018	12,83
Canoas	279.127	306.093	9,66
Dois Irmãos	18.951	22.435	18,38
Estância Velha	28.190	35.132	24,63
Esteio	70.547	80.048	13,47
Ivoti	16.326	15.318	-6,17
Nova Hartz	10.013	15.071	50,51
Nova Santa Rita		15.750	
Novo Hamburgo	205.668	236.193	14,84
Portão	19.489	24.657	26,52
São Leopoldo	167.907	193.547	15,27
Sapiranga	58.675	69.189	17,92
Sapucaia do Sul	104.885	122.751	17,03
<b>Rio Grande do Sul</b>	<b>9.138.670</b>	<b>10.187.798</b>	<b>11,48</b>

Fonte: Censos Demográfico apud Ipeadata; crescimento populacional calculado pelos autores.

Buscando-se identificar os municípios atraentes, gerou-se o cálculo da tabela número 02. Nela, observa-se que, entre os municípios do CONSINOS, somente Canoas não apresentou um crescimento populacional superior ao do Estado do Rio Grande do Sul entre 1990 e 2000. Importante ressaltar que no ano de 1992 ocorreu a criação do município de Nova Santa Rita, emancipando-se do município de Canoas. Analisando-se de forma generalizada, a partir da metodologia apontada por Veiga, todos os municípios são considerados atraentes. Isso nos indica que a região tende a continuar crescendo em termos populacionais, recebendo migrantes de outras regiões do Estado RS.

Um levantamento das áreas efetivamente urbanizadas de todo o Brasil foi realizado recentemente pela Embrapa Monitoramento por Satélite (Campinas-SP), unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Empregaram-se imagens de satélite e assim, podemos selecionar os dados para os quatorze municípios.

Tabela 03 – Área Urbanizada (km<sup>2</sup> e %)

	<b>Nome do Município</b>	<b>População total</b>	<b>População urbana</b>	<b>Área total (km<sup>2</sup>)</b>	<b>Área urbanizada (km<sup>2</sup>)</b>	<b>Área urbanizada (%)<sup>1</sup></b>
1	Araricá	4.032	3.493	37,40	0,3682	0,98
2	Campo Bom	54.018	51.838	59,90	17,0762	28,51
3	Canoas	306.093	306.093	131,10	94,4044	72,01
4	Dois Irmãos	22.435	22.272	73,00	4,4762	6,13
5	Estância Velha	35.132	34.367	51,60	9,0260	17,49
6	Esteio	80.048	79.961	27,60	24,3548	88,24
7	Ivoti	15.318	13.785	65,10	3,1398	4,82
8	Nova Hartz	15.071	12.879	57,80	3,1500	5,45
9	Nova Santa Rita	15.750	11.550	218,10	2,7903	1,28
10	Novo Hamburgo	236.193	231.989	216,00	52,7676	24,43
11	Portão	24.657	19.818	158,70	4,0883	2,58
12	São Leopoldo	193.547	192.895	107,00	45,4336	42,46
13	Sapiranga	69.189	65.785	133,50	14,3100	10,72
14	Sapucaia do Sul	122.751	121.813	58,00	22,1059	38,11
<b>Total CONSINOS</b>				1394,80	297,4913	21,33

Fonte: MIRANDA, E. E. de; GOMES, E. G. GUIMARÃES, M. (2005). Obs. 1: calculado pelos autores.

Do estudo apresentado por Miranda et alii (2005), pode-se verificar que apenas 21,33 % da área total dos municípios do CONSINOS é urbanizada. Esse estudo

assume três hipóteses: “(a) existe uma relação numérica e espacial entre o crescimento da população urbana e a área efetivamente ocupada pelas cidades; (b) essa relação varia também em função de fatores ambientais e socioeconômicos; (c) as informações censitárias e orbitais disponíveis são suficientes para estimar as áreas densamente urbanizadas a partir do tamanho das populações, por meio de modelos estatísticos ou medidas diretas. Os resultados numéricos e cartográficos obtidos, discriminados por região, intervalo ou tamanho de população urbana, para cada um dos municípios do Brasil, permitem explorar um melhor entendimento sobre as relações entre área efetivamente urbanizada, aumento populacional e contextos econômicos e ambientais, (...)”.

Um outro dado que deve ser trazido é a população rural dos municípios. A tabela 04 aponta os dados censitários dos anos 1970, 1980, 1991, 1996 e 2000. Da população total dos municípios ocorreu uma queda de 35,25 % entre os anos de 1970 a 2000.

Tabela 04 – População Residente – Rural - habitantes

	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>1996</b>	<b>2000</b>
Araricá					539
Campo Bom	1846	1623	1395	1877	2180
Canoas	4547	5476	8455		
Dois Irmãos	11043	5475	1100	257	163
Estância Velha	1184	1231	1477	1898	765
Esteio	1702	757	79	74	87
Ivoti	5105	4997	7125	2296	1533
Nova Hartz			1892	3059	2192
Nova Santa Rita				9688	4200
Novo Hamburgo	4129	3288	4166	14693	4204
Portão	2992	2804	3044	3705	4839
São Leopoldo	1443	3720	7549	2068	652
Sapiranga	5066	6512	5768	8464	3404
Sapucaia do Sul	626	515	399	679	938
<b>Total</b>	<b>39.683</b>	<b>36.398</b>	<b>42.449</b>	<b>48.758</b>	<b>25.696</b>

Fonte: Censos Demográficos apud Ipeadata.

Um outro ponto relevante, extraído dos dados da população residente rural, é a proporção de população rural sobre a total, conforme calculado na tabela 05. Essa proporção apresentou queda em os anos 1970 a 2000, significando que a população rural, segundo os Censos do IBGE, vem caindo nos municípios do CONSINOS.

Tabela 05 – Proporção (%) Rural/Total

	% Rural/Total	% Rural/Total	% Rural/Total	% Rural/Total	% Rural/Total
Araricá					13,37
Campo Bom	11,11	4,80	2,91	3,69	4,04
Canoas	2,96	2,48	3,03	0,00	0,00
Dois Irmãos	80,00	36,01	5,80	1,43	0,73
Estância Velha	13,28	8,65	5,24	6,05	2,18
Esteio	4,92	1,49	0,11	0,10	0,11
Ivoti	72,21	56,29	43,64	17,40	10,01
Nova Hartz			18,90	23,68	14,54
Nova Santa Rita				77,71	26,67
Novo Hamburgo	4,84	2,41	2,03	6,50	1,78
Portão	39,89	26,13	15,62	16,50	19,63
São Leopoldo	2,24	3,77	4,50	1,14	0,34
Sapiranga	30,89	17,46	9,83	12,84	4,92
Sapucaia do Sul	1,50	0,65	0,38	0,60	0,76
<b>Total Municípios</b>	<b>8,82</b>	<b>5,16</b>	<b>4,13</b>	<b>4,40</b>	<b>2,15</b>

Fonte: Censos Demográficos apud Ipeadata.

O que se pode verificar com os dados apresentados até então é uma tendência de extinção do rural nos municípios do CONSINOS. Nesse sentido, qual o motivo que nos leva a realizar um estudo sobre o rural em uma região como esta? Algumas constatações podem ser apresentadas, no sentido de evidenciar a importância desse estudo. Para isso, elaborou-se o quadro 01 com informações<sup>6</sup> sobre o assunto.

---

<sup>6</sup> Essas informações estão sendo agrupadas e fazem parte da pesquisa exploratória da dissertação de mestrado de Gisele Spricigo.

Quadro 01 – Informações sobre o rural nos municípios do CONSINOS

<b>Informação</b>	<b>Município</b>	<b>Breve relato</b>	<b>Fonte</b>
Orgânicos invadem a capital do calçado: agricultores investem na produção ecológica e conquistam o consumidor	Novo Hamburgo	A conhecida capital do calçado tem mais da metade de seu território como zona rural. Os principais produtos serão identificados no quadro 02.	Trindade (2005)
O bairro rural liga nossa cidade a outros municípios: o bairro Lomba Grande é o maior da cidade e permite uma vida mais saudável comparado aos outros bairros hamburguenses	Novo Hamburgo	Plantação de acácia, chácaras de lazer, agricultura, extrativismo mineral e vegetal, produtos hortigranjeiros, entre outros, são os principais produtos cultivados na região, aliam uma vida mais saudável e a uma reserva ecológica.	Folha de Novo Hamburgo, 26 nov. 2004.
A horta vira extensão da escola: projeto existente há 16 anos cultiva entre as crianças o amor pela horta em Lomba Grande	Novo Hamburgo	Projeto que une o aprendizado de ensino fundamental com atividades voltadas ao cultivo de horta.	Folha de Novo Hamburgo, 01 jul. 2005.
Municípios da região investem no peixe como fonte de renda	Novo Hamburgo, Portão, entre outros.	Instalação de agroindústria de pescado na região é fruto de da produção crescente de peixes criados em açudes.	Gehrke (2006).
Feira do produtor elimina uso de adubos químicos.	Novo Hamburgo	Produtores que comercializam seus produtos nas feiras do produtor, coordenada pela Secretaria de Agricultura do Município, não podem fazer uso de adubos químicos.	Jornal do Comércio, 03 fev. 2006.

Fonte: elaborado pelos autores

Essas informações nos fornecem uma idéia geral sobre o rural do Vale do Rio dos Sinos. Como complemento ao município de Novo Hamburgo, identifica-se o seguinte levantamento, realizado por Trindade (2005).

Quadro 02 – Informações dos principais produtos cultivados em Lomba Grande

<b>Produto</b>	<b>Hectares</b>
Aipim e mandioca	650
Milho	1,1 mil
Cana-de-açúcar	400
Hortaliças	250
Feijão	120
Soja	80
Fruticultura	280
Acácia negra	1,3 mil
Eucalipto	2,4 mil
Leite	9,5 mil litros/dia

Fonte: Trindade (2005)

Os dados apresentados por Trindade nos indicam um campo considerável a ser explorado. Muitos trabalhos sobre o assunto podem ser realizados, tanto no nível microeconômico como no nível macroeconômico.

### **O desafio do trabalho na região**

O trabalho apresentado, tem por propósito iniciar um levantamento de questionamentos sobre o rural do Vale do Rio dos Sinos. Buscou-se apresentar exemplos de estudos em outras regiões do país e também, exemplos internacionais. Os dados apresentados nos indicam um cenário onde a agricultura e a população rural está cada vez “escondida”, destacando-se mais as atividades industriais e a expansão urbana. A pergunta “as atividades ligadas ao rural permanecem na região porque existe um forte mercado consumidor no entorno?”, poderia-nos ainda nos indicar a uma outra pergunta que contribuísse com uma discussão mais ampla do desenvolvimento, a partir da localização das atividades econômicas na região: as atividades ligadas ao rural não deveriam ser apoiadas por uma política pública, tendo em vista as oportunidades de

renda e os alimentos para subsistência que são gerados aos moradores dessa região? Tanto as contribuições acima referidas de Douglass North, como as suas contribuições mais recentes sobre o papel das instituições na economia nos indicam que as atividades conectadas ao rural permanecem tanto por fatores locais como fatores regionais, criando condições para a comercialização de produtos. Da categoria expressa por Von Thünen, nos traz ao pensamento o Vale do Rio dos Sinos e algumas perspectivas de políticas de desenvolvimento rural, por conta da agricultura perene na região significar um “primeiro anel” ao redor das grandes cidades. Desse anel, surgem vários produtos alimentícios que são revendidos nos bairros centro das cidades em feira dos produtores rurais. A busca por uma resposta sobre o desaparecimento do rural no Vale do Rio dos Sinos não cessa no presente trabalho, abrindo-se aqui pistas para um estudo mais amplo. Nesse trabalho, lançou-se mão de algumas pistas sobre o rural dessa região, versado pela identificação clara dos fatores que levam à perenidade do rural e de que forma esse rural se manifesta.

### **Referências Bibliográficas**

A HORTA vira extensão da escola. **Folha de Novo Hamburgo**. Novo Hamburgo, p. 10, 01 jul. 2005.

BLOCK, Daniel, DUPUIS, E. Melanie. Making the Country Work for the City: Von Thünen Ideas in Geography, Agricultural Economics and the Sociology of Agriculture. In: **American Journal of Economics and Sociology**, v. 60, n. 1, p. 80-98, jan. 2001.

FEIRA DO Produtor elimina uso de adubos químicos. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, Jornal Cidades, p. 02, 03 fev. 2006.

GEHRKE, Fernanda. Municípios da região investem no peixe como fonte de renda. **Jornal NH**. Novo Hamburgo, p. 14, 18 mar. 2006.



IPEADATA. Dados Regionais Municipais. Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br>. Acessado em 01 ago. 2005.

MADALENO, Isabel Maria, Gurovich, Alberto. “Urban versus rural” no longer matches reality: an early public agro-residential development in periurban Santiago, Chile. In: **Cities**, v. 21, n. 6, p, 513-26, 2004.

MIRANDA, E. E. de; GOMES, E. G. GUIMARÃES, M. **Mapeamento e estimativa da área urbanizada do Brasil com base em imagens orbitais e modelos estatísticos**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em: <<http://www.urbanizacao.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: 2 abr. 2006.

NORTH, Douglass C. Location Theory and Regional Economic Growth. In: **Journal of Political Economy**, v. LXIII, n. 03, p. 243-58, 1955.

O BAIRRO rural liga nossa cidade a outros municípios. **Folha de Novo Hamburgo**. Novo Hamburgo, p. 30, 26 nov. 2004.

SOUZA, Osmar T. de (et alii). **O rural da região metropolitana de Curitiba sob a ótica interdisciplinar: multidimensional e complexo**. In: Revista Ciências Exatas e Naturais, vol. 6, n. 1, p. 75-96, jan./jun. 2004.

TRINDADE, Gêssica. Orgânicos invadem a capital do calçado. **Zero Hora**. Porto Alegre, Caderno Campo e Lavoura, n. 1.069, p. 2, 24 jun. 2005.

VALETTE, Elodie. A economia rural perirurbana ou inovação em periferia: o caso de Montpellier (França). In: **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 5, n. 8, p. 9-19, mar. 2004.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Territorial do Brasil: do entulho varguista ao zoneamento ecológico-econômico**. São Paulo: USP – Departamento de Economia e

Procam, 2001. Disponível em < <http://www.fea.usp.br/professores/zeeli>>. Acesso em 09 abr. 2006.

## **Bibliografia consultada**

ARMANI, Domingos. **Agricultura e pobreza: construindo elos da sustentabilidade no Nordeste do Brasil**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998.

BALDASSO, Nelson Antônio. **Desenvolvimento local sustentável: notas sobre a experiência da Região do Vale do Rio dos Sinos e Paranhama/Encosta da Serra – RS**. Porto Alegre: Emater/RS-ASCAR, 2004. (Série Realidade Rural, 41).

BRANDENBURG, Alfio. **Agricultura familiar, ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: UFPR, 1999.

BROSE, Markus. **Agricultura familiar, desenvolvimento local e políticas públicas**. Santa Cruz do Sul (RS): EDUNISC, 1999.

FERRAZ, Cláudia. **Para o orgânico deixar de ser só moda**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 set. 2005, p. A24.

GRANDO, Marinês Zandavali, MIGUEL, Lovois de Andrade. **Agricultura na Região Metropolitana de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

TEDESCO, João Carlos. **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. 2. ed. Passo Fundo (RS): EDIUPF, 1999.

VELA, Hugo (org.) **Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável no MERCOSUL**. Santa Maria: UFSM, p. 31-44, 157-94, 196-214, 2003.

MADALENO, Isabel Maria. **A cidade das mangueiras: agricultura urbana em Belém do Pará**. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002, p. 1-24.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.